

Segurança vulnerável

Senado Federal.

Pólicia Federal desarma bomba de fabricação caseira instalada próxima ao plenário do Senado. Em telefonema anônimo, um homem comunicou ao Corpo de Bombeiros quando o artefato explodiria

Fotos: Sebastião Pedra

ZENAIDE AZEREDO

Tão eficiente na arte de barrar populares que, muitas vezes, querem chegar aos gabinetes de seus senadores para pedir empregos, favores ou simplesmente dinheiro, a segurança do Senado só conseguiu saber que uma bomba explodiria a menos de 10 metros do plenário, depois de um telefonema anônimo. "O bicho vai pegar dentro de 30 ou 40 minutos", falou, com voz pausada, uma voz masculina, num telefonema dado às 15h15 para o ramal do Corpo de Bombeiros do Senado, que funciona no 18º andar do anexo I.

Essa mesma voz já havia explicado ao atônito bombeiro que o atendeu que o artefato - um bomba de gás lacrimogêneo recheada de fios, pilhas, papel higiênico, fotos do Congresso e até mesmo amostras de maionese - que o local indicado para procurarem a bomba era o chamado Túnel do Tempo - um corredor que liga o prédio principal do Senado ao Anexo II.

Alertada, dessa vez a segurança mostrou a eficiência costumeira. Começou a barrar, sem qualquer escrúpulo ou explicação, jornalistas, funcionários e visitantes, "para garantir a segurança de todos". Mas não dizia o motivo.

Em poucos segundos os agentes localizaram, no Túnel, o artefato, escondido atrás de primeiro quadro da exposição de fotos sobre "O Senado no Império" e "O Senado na República". O local escolhido pelo detonador anônimo foi a foto do Arco de Teles, um portal do Palácio Teles de Menezes, no Rio Imperial, onde funcionava o "Senado da Câmara". Ironicamente, o portal, segundo explicações anexas, foi o único local do palácio que resistiu ao incêndio que, em 1790, destruiu o prédio e todos os documentos do Senado de então. E esse seria o destino dessa foto-relíquia e de



ESPECIALISTAS em explosivos da Polícia Federal foram rapidamente acionados e conseguiram desarmar a bomba com um detonador

outra peça de museu que a ladeava - a "urna eleitoral (1824), em prata, destinada a colher os votos dos senadores no Império" - caso a Polícia Federal não atuasse.

Chamada às pressas pelos agentes de segurança do Senado, que não tinham a menor idéia de como a bomba fora colocada naquele local, a Polícia Federal só chegou pouco antes das 17h00. E foi para o Túnel, com os agentes de segurança.

Explosão

De fora, ninguém sabia o que estava acontecendo - já que o acesso ao Túnel fora obstruído - até que às 17h20 ouviu-se uma explosão, como o tiro de um foguete. Foi uma correria, todos tentando saber se a bomba já havia explodido. Um segurança comunicou ao outro, pelo rádio: "Não deixe ninguém vir ainda". Um outro agente, que atende na portaria do Presidente do Senado, explicou aos jornalistas

que o barulho tinha sido o de "um quadro caindo".

O estouro, na realidade, fora a explosão do detonador do petardo, induzido pelos especialistas da Polícia Federal, exatamente para desarmá-lo.

O artefato, uma caixinha de metal, menor que um telefone, foi levado pela Polícia para o Instituto Nacional de Criminalística, para investigações. O local onde a bomba foi detonada ficou cheio de frag-

mentos de metal e plástico, e impregnado de um gás que ardia os olhos.

Havia 10 senadores no plenário, naquele momento, além de meia dúzia de jornalistas no Comitê de Imprensa, outro local próximo ao quadro do Palácio dos Arcos. O presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), estava em Portugal, mas seu substituto, senador Geraldo Melo (PFL-RN) não foi visto no local.